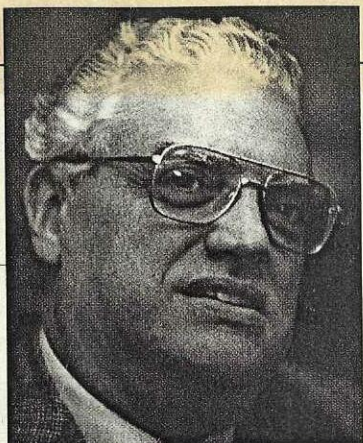




O 50º aniversário da NATO

Os EUA impuseram um 'conceito estratégico' diferente para a NATO. O que terá sérias consequências

Comemorou-se no passado fim-de-semana, a 23 e 24 de Abril, em Washington D.C., o cinquentenário da criação da NATO. Não foi uma festa de aniversário, mas um conselho de guerra. Não se celebrou o passado, mudou-se o conceito estratégico para o futuro. Vale a pena tentar perceber o que se passou.

Criada em Abril de 1949, no rescaldo da II Guerra Mundial, a NATO tinha uma natureza claramente definida – apenas defensiva –, possuía um adversário bem identificado – a ameaça comunista vinda da URSS –, tinha uma área geográfica nitidamente delimitada – o teatro europeu –, e apoiava-se numa legitimidade jurídica indiscutível – a Carta das Nações Unidas, a cujos princípios e disposições concretas obedecia.

Este modelo durou 40 anos (até à queda da URSS) e provou bem: a ameaça soviética foi contida, nenhuma agressão foi consumada, a paz foi garantida na Europa.

A partir de 1989, entrou-se num período diferente: desfeita a União Soviética, a ameaça comunista à Europa ocidental desapareceu. Logo surgiram vozes autorizadas a defender a extinção da NATO, pois que a sua razão de ser tinha cessado. Prevaleceu, porém, a ideia de que, à cautela, era melhor mantê-la, embora reformando-a e abrindo-a a leste.

Viveu-se então um período de euforia, em que Gorbachev era um amigo do Ocidente, a Rússia e a Europa de Leste caminhavam para uma rápida democratização, e a NATO era um parceiro amigo em que o Leste europeu podia confiar. Foi-se mesmo mais longe: inventou-se o conceito de «Parceria para a Paz» e, na Cimeira de Madrid, de Maio de 1997, assinou-se com pompa e circunstância o «Acto Fundador NATO-Rússia», de que foram principais protagonistas os presidentes Clinton e Ieltsin. A Ucrânia juntou-se pouco depois. E em Sintra criou-se o «Conselho Euro-Atlântico de Parceria».

Tudo parecia caminhar no melhor dos sentidos. A visão gaulista de uma Europa «do Atlântico aos Urales» já não era mais um sonho.

Porém, no espaço de dois anos, tudo mudou – e para pior. Não vou aqui enunciar as inúmeras causas desta deterioração, entre as quais figuram certamente a doença grave do presidente russo, a humilhação pessoal e política do presidente americano, com o escândalo Lewinsky, e a ameaça para os EUA proveniente da criação do euro.

Há mais de um ano que se sabia que os americanos que-

riam impor um novo e diferente «conceito estratégico» para a NATO: mudança de natureza (não apenas defensiva, mas também punitiva), mudança de adversário (não apenas os países do Leste, mas qualquer país de interesse para o Ocidente), mudança de área geográfica (não apenas a Europa ocidental, mas qualquer área onde a NATO queira intervir), e – *the last but not the least* – mudança de legitimidade jurídica (não apenas intervenções baseadas na Carta da ONU ou com mandato expresso do Conselho de Segurança, mas toda e qualquer intervenção decidida pela própria NATO, sem ter de passar pela ONU).

Foi esta mudança radical da NATO que ficou aprovada no passado fim-de-semana em Washington D.C.: vitória em toda a linha dos americanos, derrota clara dos europeus.

A intervenção no Kosovo (passada e futura) ficou assim convalidada. Tal como ficaram antecipadamente autorizados tantos Kosovos quantos os EUA decidirem promover daqui por diante, com a garantia da cumplicidade passiva dos europeus.

Esta profunda viragem vai ter, nas próximas décadas, as mais sérias consequências, das quais destacarei por hoje apenas cinco: primeira, a ONU foi desacreditada e já não é mais a principal organização responsável pela paz e segurança mundiais; segunda, a NATO assume-se como «polícia do mundo», tarefa em que se auto-investe, sem fundamento em nenhum princípio ou norma de direito internacional – só a força cria o direito (*might is right*); terceira, a Europa perde toda e qualquer veleidade de se afirmar autonomamente em relação aos EUA, e adopta como política o seguidismo (os americanos serão os «leaders», os europeus serão os «followers»); quarta, a raiva existente desde há anos nos países do Terceiro Mundo contra os EUA vai estender-se à União Europeia, e esta vai perder o estatuto de «mediador» que com tanto brilho e utilidade desempenhava entre os EUA e o Terceiro Mundo; quinta, o Ocidente (incluindo EUA e União Europeia) volta a ser um bloco arrogante e prepotente, baseado na força das armas e no poder do dinheiro, que actua à margem do Direito Internacional, apenas convicto da sua superioridade moral. É inevitável que vai entrar em confrontação crescente com os mundos ortodoxo, muçulmano e chinês. Os extremistas poderão vencer as próximas presidenciais russas. Vem aí um período de muitas guerras: os falções comeram as pombas, e a esquerda europeia alinha, toda excitada, nas novas Cruzadas contra os infiéis.

O Ocidente volta a ser um bloco arrogante e prepotente, que actua à margem do Direito Internacional